



## **O PAPEL DO PSICÓLOGO COM O PSICOPATA CONSIDERANDO O ÂMBITO BIOSSOCIAL**

### **THE ROLE OF THE PSYCHOLOGIST WITH THE PSYCHOPATH CONSIDERING THE BIOSOCIAL SCOPE**

Nayara Agostinha de Sousa Fernandes \*

Daniela Soares Rodrigues \*\*

#### **RESUMO**

Sempre que ocorrem crimes bárbaros, com crueldade ou mesmo caracterizados pela constância, a figura do psicopata emerge enquanto causador desses danos. São muitos os homicídios cometidos por indivíduos com traços de psicopatia, o psicopata costuma não sentir pena ou remorso a partir de seus atos. Mediante o exposto, o tema do presente estudo se volta para a psicopatia, delimitando-se no papel do psicólogo com o psicopata, considerando o âmbito biossocial. Não obstante, o problema de pesquisa partiu do questionamento do que seja a psicopatia, bem como sua descrição considerando os aspectos estruturais do cérebro do psicopata. O objetivo do estudo se encontra em compreender como os aspectos principais que caracterizam a psicopatia podem auxiliar na abordagem psicoterapêutica do psicopata. A metodologia compreende a pesquisa bibliográfica, realizada em repositórios e sites de pesquisa científica, tais como o Scielo e o Google Acadêmico. Dentre os autores, menciona-se os estudos de Silva (2008), Oliveira (2017), Hare (2013) que discorrem sobre o conceito de psicopatia e o comportamento psicopata. Dentre os resultados obtidos, menciona-se que o psicopata não possui empatia ou apresenta remorsos ao cometer atos ilícitos e que por isso, dificilmente consegue ser reinserido ou ressocializado.

Palavras-chave: Crimes. Psicologia. Psicopatia. Psicoterapia. Ressocialização.

#### **ABSTRACT**

Whenever barbaric crimes occur, with cruelty or even characterized by constancy, the figure of the psychopath emerges as the cause of these damages. There are many murders committed by individuals with traits of psychopathy and even showing some regret, the psychopath usually does not feel pity or remorse for his actions. Based on the above, the theme of this study turns to psychopathy, delimiting itself on the role of the psychologist with the psychopath, considering the biosocial scope. However, the research problem started from the questioning of what psychopathy is, as well as its description considering the structural aspects of the psychopath's brain. The main objective of the study is to understand how the main aspects that characterize psychopathy can help in the psychotherapeutic approach of the psychopath. The methodology comprises bibliographic research, carried out in repositories and scientific research sites, such as Scielo and Google Scholar. Among the authors, mention should be made of the studies by Silva (2008), Oliveira (2017), Hare (2013) that discuss the concept of psychopathy and psychopathic behavior. Among the results obtained, it is mentioned that the psychopath does not have empathy or has remorse when committing illicit acts and that, therefore, it is difficult to be reinserted or resocialized.

Keywords: Psychopathy. Psychology. Crimes. Resocialization. Psychotherapy.

---

\* Graduando em Psicologia pela Faculdade de Iporá, GO.

\*\* Orientadora, Graduada em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira- UNIVER, e Pós Graduado em Docência Universitária pela Faculdade de Iporá.

## **1. INTRODUÇÃO**

Sempre que ocorrem crimes bárbaros, com crueldade ou mesmo caracterizados pela constância, a figura do psicopata emerge enquanto causador desses danos. São muitos os homicídios cometidos por indivíduos com traços de psicopatia, o psicopata costuma não sentir pena ou remorso a partir de seus atos.

Mediante o exposto, o tema do presente estudo se volta para a psicopatia, delimitando-se no papel do psicólogo com o psicopata, considerando o âmbito biossocial. Não obstante, o problema de pesquisa partiu do questionamento do que seja a psicopatia, bem como sua descrição considerando os aspectos estruturais do cérebro do psicopata.

O objetivo principal do estudo se encontra em compreender como os aspectos principais que caracterizam a psicopatia podem auxiliar na abordagem psicoterapêutica do psicopata. Por sua vez, os objetivos específicos da pesquisa foram: construir um breve histórico sobre a psicopatia; analisar os traços de psicopatia mediante o conceito biológico e comportamental; discorrer sobre a avaliação de psicopatia e expor o trabalho do psicólogo mediante o psicopata.

Para a sua construção, a metodologia escolhida foi a pesquisa bibliográfica, baseada em textos postados em livros, artigos, dissertações e teses, buscados em sites e repositórios especializados na temática. Nesse sentido, o estudo é relevante pela possibilidade de ampliação dos saberes relacionados à psicopatia, uma vez que esse tema traz impactos sociais, jurídicos, assim como profissionais.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Breve recorte histórico sobre a psicopatia**

Em diversos contextos emergem crimes cometidos por sujeitos que normalmente não chamariam a atenção se não fossem, notadamente, possuidores de algumas características que os diferenciam dos demais indivíduos, principalmente quando se trata de traços, perceptíveis ou não, em sua personalidade.

A psicopatia é uma definição muito utilizada para se referir aos traços de personalidade capazes de fazer com que pessoas aparentemente comuns, tenham coragem de cometer as maiores atrocidades. Tal conceito, segundo Eça (2010), não condiz com um problema mental, mas pode ser qualificado como um limite entre a sanidade mental e a loucura, pois os psicopatas normalmente não refletem quadros produtivos, não sendo movidos por delírios ou alucinações e por isso, possuem consciência da realidade. O que os caracteriza, então, são as reações apresentadas por esses indivíduos. Tal informação é corroborada por Silva (2010), ao afirmar que:

[...] a psiquiatria e a psicologia não compreendem psicopatia como sendo doença da mente, pois seus portadores se situam na zona entre a normalidade mental e a doença mental, não apresentando focos de loucura ou reflexos de desorientação. Os psicopatas são cem por cento racionais e conscientes de seus atos, e seu comportamento é resultado de um livre arbítrio (SILVA, 2010, p. 35).

Os primeiros estudos sobre a psicopatia emergiram ao final do século XVIII, quando as indagações acerca da mente humana buscaram maiores evidências capazes de determinar de que forma algumas atitudes consideradas inaceitáveis eram arquitetadas e realizadas por alguns sujeitos. Nesse sentido, psiquiatras e filósofos passaram a direcionar suas pesquisas às questões fundamentais, tais como o livre arbítrio, a influência do conceito de moral. Isso adveio da constatação que os responsáveis por alguns crimes repletos de sadismo, possuíam total consciência sobre o que estava sendo praticado e por isso, não poderiam justificar que agiam em decorrência do desconhecimento sobre o certo e o errado (GARRIDO, 2017).

Durante algum tempo, pesquisadores e clínicos buscaram relacionar os termos psicopatia, e sociopatia como sendo um só. No entanto, os estudos atualizados demonstram que tais nomenclaturas não correspondem ao mesmo significado e da mesma forma não são equivalentes, haja vista que, a sociopatia está ligada a fatores ambientais deste modo, o indivíduo se torna sociopata, já na psicopatia o sujeito nasce com a condição. (HARE, 2013).

Na modernidade, o responsável pelos estudos sobre a psicopatia foi o médico Phillip Pínel, médico francês, conhecido como o pai da psiquiatria. Seus estudos foram profícuos e o pesquisador foi um dos primeiros a descrever as características da psicopatia. Assim, de acordo com Arrigo e Shipley (2001),

Por volta de 1801, Pinel (1745-1826) cunhou o termo mania sem delírio para descrever o quadro de alguns pacientes que, embora se envolvessem em comportamentos de extrema violência para com outros ou para consigo mesmos, tinham um perfeito entendimento do caráter irracional de suas ações e não podiam ser considerados delirantes (ARRIGO; SHIPLEY, 2001, p.78).

Para Pinel (s.d.), essas pessoas eram consideradas perigosas pois, apesar de conhecerem o caráter ilícito de seus atos e terem consciência sobre seus efeitos, esses indivíduos não apresentavam nenhum tipo de remorso. Em 1904, Emil Kraepelin (1856-1926) psiquiatra alemão, apresentou o conceito de psicopatia que ainda é utilizado na contemporaneidade. Destaca-se que seus estudos se voltaram para a classificação das doenças mentais, utilizando o termo Personalidade Psicopática, para fazer a descrição de indivíduos que não seriam neuróticos, nem psicóticos e por isso, não se encaixariam no conceito de maníaco-depressão, embora não apresentassem comportamentos capazes de inseri-los nos parâmetros sociais vigentes (OLIVEIRA, 2017).

Não obstante, Kraepelin (s.d.) reforçou que as personalidades psicopáticas poderiam ser distinguidas de acordo com seu caráter meramente genético, no qual as personalidades se ligam, essencialmente, à vida afetiva e à vontade (AGUIAR, 2016).

Em 1941, Hervey M. Cleckley (1903-1984) descreveu com maior precisão o conceito de psicopatia, apresentando-a como sendo um conjunto de comportamentos, bem como de traços de personalidade. Esse conceito foi o que melhor caracterizou a psicopatia, passando a representar um marco em relação aos estudos já realizados, bem como na construção do quadro clínico dos sujeitos, podendo determinar suas características predominantes.

Cumprido salientar que o conceito de psicopatia se firmou com a publicação do livro *The Mask of Sanity* (A Máscara da Sanidade) de Cleckley (1941). Sua obra é considerada de enorme significância na área, pois o autor descreve traços da personalidade, com destaque aos aspectos afetivos e interpessoais (AGUIAR, 2016).

Para o autor, a maioria dos psicopatas não estão em presídios, pois estes, seriam aqueles que não conseguiram manter a máscara da sanidade, fracassando em uma de suas principais características, que é a de enganar e manipular os que

se encontram ao seu redor. O que torna perceptível o fato de que o psicopata tem uma grande falha na compreensão dos sentimentos humanos.

Girão (2013) ao mencionar os estudos de Cleckley (1988) classifica as características que definem o psicopata, a saber:

1. Aparência sedutora e boa inteligência;
2. Ausência de delírios e de outras alterações patológicas do pensamento;
3. Ausência de "nervosidade" ou manifestações psiconeuróticas;
4. Não confiabilidade;
5. Desprezo para com a verdade e insinceridade;
6. Falta de remorso ou culpa;
7. Conduta antissocial não motivada pelas contingências;
8. Julgamento pobre e falha em aprender através da experiência;
9. Egocentrismo patológico e incapacidade para amar;
10. Pobreza geral na maioria das reações afetivas;
11. Perda específica de insight;
12. Não reatividade afetiva nas relações interpessoais em geral;
13. Comportamento extravagante e inconveniente, algumas vezes sob a ação de bebidas, outras não;
14. Suicídio raramente praticado;
15. Vida sexual pessoal, trivial e mal integrada;
16. Falha em seguir qualquer plano de vida. (GIRÃO, 2013, p.23).

Girão (2013) reforça que Cleckley (1988) define o psicopata como sendo alguém que na maioria das vezes é agradável, buscando causar uma boa impressão em seus interlocutores. São indivíduos que facilmente podem prever as consequências de seus atos utilizando-se da lógica e que apesar da boa impressão que causam, não são capazes de demonstrar responsabilidade, além de não conseguirem concretizar ou dar continuidade às suas atividades, tais como permanecer em um trabalho. Apesar disso esse indivíduo consegue alternar períodos de conduta exemplar e outros nos quais a socialização é rejeitada.

Mediante os avanços relativos aos estudos sobre a psicopatia, em 1991, Robert Hare (1934 - ) psicólogo canadense, especialista em psicologia criminal e psicopatia, realizou pesquisas com pacientes criminosos, descritos como psicopatas, presos na Penitenciária da Columbia Britânica, no Canadá. Hare foi responsável pela revisão dos estudos que versavam sobre o funcionamento da mente dos psicopatas que haviam sido realizados por Hervey Cleckley. Suas pesquisas demonstraram que esses sujeitos possuíam características de personalidade em comum e reunindo tais aspectos, Hare (2013), em 1991, propôs um questionário mais aprimorado, denominado Escala Hare ou Avaliação de Psicopatia (Psychopathy Checklist). Assim, de acordo com Hare (2013),

[...] meus alunos e eu passamos mais 10 anos melhorando e refinando os procedimentos para desentocar os psicopatas da população prisional geral. O resultado foi um diagnóstico altamente confiável, que qualquer médico ou

pesquisador pode usar e que gera um perfil rico e detalhado do transtorno da personalidade chamado psicopatia. Nós chamamos esse instrumento de Psychopathy Checklist (Avaliação de Psicopatia). (HARE, 2013, p.47)

De acordo com os estudos realizados por Sabbatini (1998) e por Hare (2013), a psicopatia deriva de alterações ocorridas no cérebro, mais precisamente no córtex pré-frontal e no sistema límbico (onde as emoções são processadas). Isso faz com que a afetividades seja comprometida.

Os psicopatas são descritos como portadores de condutopatia e por isso, apresentam alterações consideráveis no que se refere a outras pessoas normais. Nesse sentido, Hare (2013) reforça que seria essencial manter uma investigação sobre quais partes do cérebro seria responsável pelo comportamento psicopata, assim como analisar as possíveis anormalidades mais significativas. Isso advém do fato de que “[...] muitos comportamentos associados às funções essenciais ao intercurso social afetivo, são controladas pela parte do cérebro chamada lobo frontal, localizado na parte superior dos hemisférios cerebrais.” (HARE, 2013, p. 172).

## **2.2 A psicopatia mediante o conceito biológico e comportamental**

De acordo com sua etimologia, o termo psicopatia tem origem no latim *Psycho* (mente) e *pathos* (doença), doença da mente. Apesar da denominação, o psicopata não possui nenhuma patologia que o caracterize como um doente mental. Muitos estudiosos e profissionais do comportamento humano confundem os termos sociopatia e psicopatia, pois, de acordo com Hare (2013), a palavra psicopatia tende a remeter maior gravidade, sendo o termo sociopatia destinado com frequência a criminosos de colarinho branco.

O psicopata seria então aquele indivíduo, de acordo com Hare (2013), que não apresenta preocupação com os resultados de suas ações sobre outras pessoas. Eles não sentem culpa nem remorso, apesar de relatar que estão arrependidos. Do mesmo modo, não apresentam nenhuma preocupação por comportamentos que venham a desapontar ou causar desgosto em seus familiares ou pessoas próximas, inventando desculpas para a própria conduta, negando por completo que tenha feito algo que pudesse prejudicar alguma pessoa.

O comportamento do psicopata é repleto de ações cruéis, aportadas na frieza e falta de empatia. Suas emoções são superficiais e por isso, denominadas de protoemoções, ou seja, não passam de respostas primitivas às necessidades imediatas). Do mesmo modo, a psicopatia é marcada pela falta de empatia, não somente às pessoas em geral, mas em relação às de sua própria família, até mesmo sua prole (HARE, 2013).

Hare (2013) reforça que:

Os psicopatas veem as pessoas praticamente como objetos, que devem ser usados pra sua própria satisfação. Os fracos e vulneráveis de que eles mais zombam, são seus alvos preferidos, e todos os fracos para os psicopatas, são também idiotas e pedem para serem explorados. (HARE, 2013, p. 59).

É importante observar que os problemas de comportamento podem ser detectados ainda na infância e os estudos apontam para a existência da criança psicopata, a qual pode possuir os genes da psicopatia, e mesmo que tenha vindo de uma família estruturada, poderá apresentar problemas psíquicos capazes de despertar seu comportamento psicopata.

De acordo com Hare (2013), uma das características marcantes do psicopata é a sua astúcia, assim como o prazer em enganar as pessoas. Seu maior prazer está em comprovar para si mesmo que os indivíduos são suscetíveis ao seu convencimento e sedução, mostrando serem frágeis em suas certezas. Suas manipulações logram êxito, embora seu comportamento seja incontrolável e pobre de racionalidade. São pessoas que se ofendem com facilidade e quando frustradas, criticadas ou disciplinadas, reagem com violência, ameaças e ofensas verbais. Não obstante, após essas reações, o psicopata retoma a normalidade, não sendo capaz de se desculpar e insistindo em manter a normalidade como se nada houvesse ocorrido.

Na maioria dos casos, o que os motiva a infringir a lei é o egocentrismo, alguma extravagância e a promessa de gratificação instantânea de necessidades mais comuns, e não a satisfação salivante de horrendos desejos sexuais e anseios de poder. Além do mais, os condutopatas possuem pouca aptidão para experimentarem respostas emocionais como medo e ansiedade, respostas estas que são a mola propulsora da consciência. (SILVA, 2008, p.153).

Considerando os estudos de Hare (2013), é possível ressaltar que a personalidade do psicopata, assim como sua estrutura, pode ser definida como a de

um criminoso que persegue a vantagem sobre os outros indivíduos a qualquer custo. Destaca-se que o que mais assusta em relação à violência do psicopata é que essa é difícil de ser descoberta, sendo observada somente quando o criminoso acredita que sua ação é tão perfeita que não será pego ou culpabilizado.

De modo geral, a ciência apresenta algumas explicações acerca da psicopatia, considerando que:

O sistema límbico, formado por estruturas corticais e sub-corticais, é responsável por todas as nossas emoções (alegria, medo, raiva, tristeza). Uma das principais estruturas do sistema límbico chama-se amígdala. Localizada no interior do lobo temporal, essa pequena estrutura funciona como um “botão de disparo” de todas as emoções. (SILVA,2008, p.154).

A razão, por sua vez, é algo mais complexo de se definir biologicamente, motivo pelo qual sua compreensão científica requer interligações com as noções de raciocínio e o cálculo mental:

A principal região envolvida nos processos racionais é o lobo pré-frontal (região da testa): uma parte dele (córtex dorsolateral pré-frontal) está associada a ações cotidianas do tipo utilitárias, como decorar um número de telefone ou objetos. A outra parte (córtex medial pré-frontal) recebe maior influência do sistema límbico, definindo de forma significativa as ações tomadas nos campos pessoais e sociais. (SILVA, 2008, p.157)

A relevância destes conceitos está no fato de que a conexão entre as duas partes razão (lobos pré-frontais) e emoção (sistema límbico), determinam o comportamento adequado a cada situação. (SILVA, 2008).

Em se tratando de psicopatia, a complexidade científica destes conceitos tem consequência direta nos estudos clínicos sobre esse transtorno, que sempre apresentaram grandes dificuldades em serem realizados, visto que os psicopatas em questão não colaboram com tais estudos, pois se sentem livres para manipularem as respostas, tornando-se fontes não confiáveis.

Nesta tentativa incansável, os recentes estudos apontaram de maneira mais concreta o funcionamento cerebral de um psicopata. Segundo os dados, pessoas normais (sem traços psicopáticos) revelaram intensa atividade da amígdala e o lobo frontal quando submetidos a se imaginarem cometendo atos imorais ou perversos. Enquanto o mesmo teste ao ser realizado com psicopatas criminosos, apontou para um débil resultado nos mesmos circuitos.

Nesse sentido, o discurso de Silva (2008) denota que:



Se considerarmos que a amígdala é o nosso “coração cerebral”, entenderemos que os psicopatas são seres sem “coração mental”. Seus cérebros são gelados e incapazes de sentir emoções positivas como o amor, a amizade, a alegria (...), ao não sentirem emoções positivas, suas amígdalas deixam de transmitir, de forma correta, as informações para que o lobo frontal possa desencadear ações ou comportamento adequados. (SILVA, 2008, p.158).

Desta forma o sistema límbico responsável pelo afeto, repassa menos informações ao centro executivo do cérebro o lobo frontal, que, sem dados emocionais, prepara um comportamento lógico, racional, mas sem nenhum afeto.

### **2.3 A avaliação de psicopatia (Psychopathy Checklist)**

Criada pelo psiquiatra canadense Robert Hare, a Psychopathy Checklist (avaliação de psicopatia) é uma ferramenta que permite ao psiquiatra diferenciar, de maneira mais segura e eficaz, o psicopata do criminoso comum:

A Psychopathy Checklist permite a discussão das características dos psicopatas sem o menor risco de descrever simples desvios sociais ou criminalidade ou de rotular pessoas que não têm nada em comum, a não ser o fato de terem violado a lei. (HARE, 2013, p. 48).

Essa ferramenta é comumente usada nos Estados Unidos e apesar de ser aplicada em criminosos, consta como uma das maiores conquistas do campo. Devido a psicopatia não ser uma doença, o indivíduo psicopata é diagnosticado como tal a partir do momento que comete alguma infração, ou seja, por ordem do sistema judiciário, por isso importante ressaltar que a maioria dos psicopatas não se encontra no sistema carcerário, uma vez que nem todos cometem crimes.

Não há nenhum outro procedimento que seja tão afinado para a identificação do psicopata quanto a avaliação de psicopatia. Nesse sentido, Hilda Morana, psiquiatra responsável pela tradução, adaptação e validação do PCL-R para o Brasil, explica que não se trata de um teste e sim de um instrumento que depende de avaliação dimensional da personalidade, não influenciado por fatores culturais, não importando o grau de escolaridade do psicopata em questão e sim a maneira como tenha conduzido seus estudos (MORANA, 2003).

Sobre a escala do PCL-R, Morana (2003) resalta que:

A escala do PCL-R se baseia nas clássicas descrições de psicopatia, desde Cleckley (1988), exigindo extenso escrutínio da vida do indivíduo, não podendo, em hipótese alguma, limitar-se a uma entrevista com o indivíduo, ou dela prescindir. (MORANA, 2003, p.42).

Por esse sistema, o indivíduo é pontuado ao longo de 20 itens, usando uma entrevista semiestruturada e uma validade estimada do grau para o qual, o criminoso, se enquadra no conceito tradicional de psicopatia. Cada item é quantificado numa escala de 3 pontos, de acordo com a extensão verificada no sujeito. (MORANA, 2003).

O escore total pode ir de 0 a 40, sendo que 15 a 20% dos criminosos pontuam 25, valor utilizado para ponto de corte na padronização de pesquisas para o diagnóstico de psicopatia. No Canadá o ponto de corte tradicionalmente usado para definir o psicopata é 30, porém na Europa e particularmente na Escócia, os autores utilizam o ponto de corte sendo 25 para o mesmo fim. (MORANA, 2003).

Portanto, independentemente do ponto de corte escolhido, um escore elevado no PCL-R irá indicar uma probabilidade elevada do sujeito reincidir em atividade criminosa.

## **2.4 O trabalho do psicólogo mediante o psicopata**

Quanto ao tratamento psicológico do psicopata Hare (2013) destaca que:

Os psicopatas acham que não tem problemas psicológicos ou emocionais e não veem motivos para mudar o próprio comportamento afim de atender a padrões sociais com os quais eles não concordam. (HARE, 2013, p.50).

Desta maneira o autor afirma que um dos pressupostos básicos da psicoterapia é o interesse, a necessidade do paciente de ser ajudado, de forma que para que o psicólogo possa ajudar o psicopata um dos requisitos deste paciente deveria ser o sofrimento, seria necessário que ele colaborasse com a terapia trabalhando efetivamente em conjunto com o psicólogo.

Ademais, pode-se dizer que os psicopatas não estão insatisfeitos consigo mesmos, muito pelo contrário, não veem nada de errado em si. Para eles, enganar e manipular os outros a fim de concretizar suas próprias vontades não causa remorso ou culpa.

A terapia, na forma como é utilizada, pouco efeito traz para o psicopata. No entanto, esse costuma acatar o que lhes é fornecido como forma de elaborar novas desculpas que justifiquem o seu comportamento. Mesmo sendo com a psicoterapia, os psicopatas costumam desenvolver novas formas de manipulação e não costumam modificar suas atitudes mais costumeiras. Nesse sentido, Hare (2013) afirma que a tentativa de ensinar ao psicopata como “sentir empatia se torna um fracasso. Ademais, segundo o autor,

Os psicopatas frequentemente dominam a sessões de terapia individual e em grupo, impõe seus próprios pontos de vista e interpretações aos outros participantes. Por exemplo, o líder de um grupo de terapia do programa prisional disse o seguinte a respeito de um preso com pontuação muito alta na Psychopath Checklist (Avaliação de Psicopatia): Ele se recusa a falar sobre coisas que não foram introduzidas por ele mesmo. Não gosto de ser confrontado ou questionado a respeito do próprio comportamento... Recusa-se a reconhecer que bloqueia a comunicação e domina o grupo de terapia com seus monólogos intermináveis, que tentam contornar a discussão sobre o seu próprio comportamento. (HARE, 2013, p.55)

Mediante a capacidade de manipulação do psicopata, há um questionamento recorrente, sobre a possibilidade de reabilitação ou reinserção desse em algum contexto social. De acordo com Macedo (2018), um dos pontos mais importantes, no que se refere à ressocialização do psicopata, está em fazer com que ele desenvolva valores éticos e morais, pois seus mecanismos mentais, aqueles capazes de fazer com que os sujeitos se tornem sociáveis, não se encontram estruturados da forma adequada. Como não há manifestações de culpa, arrependimento ou mesmo empatia, o psicopata não consegue mensurar os danos causados a outrem e manifestar qualquer tipo de mudança na conduta ou arrependimento. “Acredita-se que, o fato da psicopatia ser um transtorno de personalidade incurável, pode se evoluir com o passar dos anos, se tornando crônico.” (MACEDO, 2018, p. 57).

De acordo com Hare (2013), se a psicopatia for diagnosticada precocemente, em sujeitos mais jovens, há uma pequena possibilidade de que as medidas aplicadas poderão amenizar a manifestação desse mal quando o indivíduo se tornar adulto. Conforme o autor discorre, para que a psicopatia possa ser tratada em indivíduos que se encontram em formação, é preciso a instituição de programas eficazes na redução da agressividade, bem como da impulsividade. Isso pode ser possível a partir da adoção de estratégias capazes de atender suas necessidades pessoais, voltadas para a sociabilidade.

Ao se tratar de psicopatas adultos, a alternativa apresentada se volta para a construção de um programa de acompanhamento profissional em saúde. Ressalta-se que essa metodologia não poderá se voltar para a modificação da personalidade psicopata, mas ofertar um novo direcionamento a fim de persuadi-lo de que seu comportamento não se encontra em acordo com o que a sociedade espera ou mesmo com seus interesses. A partir da ajuda profissional os psicopatas podem aprender “a assumir sozinhos a responsabilidade pelos próprios atos, satisfazendo suas necessidades de modo tolerável para a sociedade, os possibilitando a criar um sentimento mais empático pelo próximo.” (HARE, 2013, p. 205-206).

Há que se ressaltar que o tratamento ambulatorial, precedido ou não do uso de fármacos e do mesmo modo, a psicoterapia e outras metodologias utilizadas pelas instituições psiquiátricas não são eficazes na ressocialização ou reabilitação de criminosos psicopatas. “Nos demais pacientes como dementes, psicóticos, esquizofrênicos e outros, esses métodos são eficientes e obtêm resultados reversos no comportamento destes.” (HARE, 2013, p.199).

Salienta-se que mesmo que cumpram penas por anos, essas não são eficientes quando se trata da reabilitação do psicopata. Não sentindo remorso ou pena, não se arrependendo dos atos cometidos, o psicopata não apresenta medo de ser novamente punido, pois acredita ser capaz de praticar os mesmos delitos, sem qualquer tipo de sanção. Nesse sentido, compreende-se a ideia do psicopata de que por um descuido tenha sido punido, mas que isso novamente não ocorrerá caso cometa os mesmos crimes novamente (OLIVEIRA, 2015).

A não ressocialização do psicopata, de acordo com Assumpção (2018), representa uma espécie de tragédia social, pois o sistema prisional brasileiro se encontra repleto de indivíduos incapazes de se ressocializarem por conta de seu comportamento criminoso repetitivo. Quando soltos, os psicopatas voltam a praticar os crimes, embora planejem isso de uma forma mais cautelosa, pois não querem ser novamente presos. Sendo altamente egocêntricos, a prisão não representa um castigo, mas uma vergonha por terem sido logrados em seus planos (MACEDO, 2018).

Segundo menciona Hare (2013), os índices de reincidência entre psicopatas são maiores do que no caso dos demais infratores. Quando o psicopata comete crimes hediondos, as taxas são ainda maiores. É comum que esses criminosos

cometam crimes em série. Basta que não sejam pegos que a confiança de que nunca serão presos ou a sensação de desafiar o sistema com sua inteligência insuperável, faz com que seguidamente ao primeiro homicídio cometido, se estabeleça um padrão a se repetir. Muitos crimes em série se tornaram insolúveis justamente pela inteligência do psicopata que, ao mesmo tempo que ousa, se retrai para não ser pego.

Conforme descreve Oliveira (2015),

É inútil qualquer tentativa de reeducação ou regeneração, pois não existe na sua personalidade o móvel ético sobre o que se possa influir. Ainda não suficiente, os psicopatas são também contrários a tratamentos psicoterapêuticos ou a medicações, até porque não existe cura, sendo que a internação para tratamentos psiquiátrico ou ambulatorial de nada se mostraria eficaz contra tal elemento portador da psicopatia.

Por sua vez, Macedo (2018) reforça que seriam necessárias alas especiais em hospitais de custódia ou penitenciárias, de modo que os psicopatas não exercessem seu poder de sedução nos demais detentos. Isso permitiria que para cada caso, um tipo de tratamento pudesse ser oferecido. Segundo reforçam Morana, Stone e Filho (2016), quanto às intervenções psicoterápicas, são propostas diversas formas de lidar com a psicopatia, no entanto, diferentemente de outros tipos de transtorno, não apresentam resultados positivos em longo prazo.,

De acordo com Serafim e Saffi (2014), o perfil dos psicopatas se distancia dos diagnósticos mais comuns, relativos às doenças mentais. O que o psicopata sente, se relaciona a uma disfunção, tanto de valor, quanto de sentimentos. Os autores mencionados descrevem que:

Seu tipo de violência é similar à agressão predatória, que é acompanhada por excitação simpática mínima ou por falta dela, e planejado, proposital e sem emoção ('a sangue-frio'). Nas várias sessões de avaliação desses indivíduos, durante a realização deste trabalho, foi possível observar a presença marcante de um senso de superioridade que eles expressam, além de poder e domínio irrestrito sobre outros, mecanismo este que se configura pela capacidade de ignorar suas necessidades e justificar o uso do que quer que eles sintam para alcançar seus ideais e evitar consequências adversas para seus atos. A culpa não é expressa e quase sempre não é sentida de maneira consciente. Nos episódios com agravos dos quais participam, colocam a responsabilidade ou a culpa no outro e nas circunstâncias (SERAFIM; SAFFI, 2014, p. 218).

Palomba (2016) reforça que a ausência de empatia e remorso é uma das características marcantes em relação ao psicopata. Ademais, quando são pegos, não demonstram arrependimento e é comum que a culpa do crime seja atribuída à vítima, pois psicopatas buscam nos outros a justificativa para seus atos. Como são considerados de alta periculosidade social, o autor defende que não possam ser reinseridos no contexto social.

Sobre esse aspecto, evoca-se o discurso de Hare (2013, p. 57), o qual explica porque os psicopatas dificilmente são reinseridos ou ressocializados. “Os psicopatas não são pessoas desorientadas ou que perderam o contato com a realidade; não apresentam ilusões, alucinações ou a angústia subjetiva intensa que caracterizam a maioria dos transtornos mentais.” Nesse sentido, compreende-se que os psicopatas não são pessoas movidas pelos arroubos emocionais. Pelo contrário, são conscientes de suas atitudes e de como devem se portar em cada situação.

Ademais, a psicoterapia, nesses casos, na verdade serve como exercício de manipulação, podendo servir como laboratório para novas investidas, novos planos e outros crimes.

### **3. METODOLOGIA**

Para que o presente estudo, que versa sobre a psicopatia, fosse realizado, foi escolhida como metodologia a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, ou seja, não foram aplicados quaisquer instrumentos que pudessem mensurar os resultados obtidos, mas esses foram constituídos a partir da análise dos textos pesquisados.

Não obstante, o referencial teórico foi construído tendo como base as pesquisas divulgadas em meio eletrônico, compostas por artigos, dissertações e teses. Além disso, foram considerados como fonte de pesquisa os livros, base para a proposição do estudo.

Ressalta-se que diversos repositórios foram utilizados para o levantamento dos textos, sendo o Scielo, Pubmed e Google Acadêmico os que resultaram em narrativas mais próximas da temática. Também foram utilizados os repositórios institucionais, pertencentes às universidades de referência em pesquisa.

Ressalta-se que o estudo sobre psicopatia e psicopatas se justifica mediante tantos casos veiculados pela mídia, como mostrado no maníaco de Goiânia, além

dos personagens, tal como Hannibal Lecter, que chamaram a atenção do público por demonstrarem como a psicopatia se configura. São muitos outros exemplos de psicopatas que se tornaram famosos a partir de seus crimes e da atenção dada pela mídia, o que justifica um estudo sobre o trabalho do psicólogo frente ao psicopata.

Cumprido salientar que a pesquisa é importante por tratar de um tema que inevitavelmente chama a atenção, tanto no contexto acadêmico, quanto no profissional, além de demonstrar que o psicopata não é uma pessoa especial, que aparece somente quando pretende cometer algum crime. Ao contrário, ele se encontra presente no cotidiano das pessoas e exerce seu poder de sedução para estar no controle das relações sociais.

O ensejo pela pesquisa é relevante a partir da constatação de que nem todo psicopata comete crimes hediondos ou se torna um homicida. Grande parte convive socialmente, embora seu envolvimento seja superficial. Desse modo, o estudo sobre a psicopatia é relevante por ocasionar uma reflexão sobre como é a fisiologia do psicopata, considerando se a psicoterapia pode ser eficaz quando há um crime cometido por psicopatas e esses passam pela punição necessária.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado, voltado para o psicopata, a psicopatia e a Psicologia, teve como objetivo central discorrer sobre o conceito, bem como a descrição biopsicológica e comportamental, caracterizando o psicopata e como esse tem suas emoções inalteradas mediante a possibilidade de causar danos a outrem.

Sobre o histórico da psicopatia, foi possível compreender que os estudos se voltaram para a observação de determinados comportamentos, os quais comprovaram que o psicopata, devido a algumas distorções genéticas, nasce com predisposição à psicopatia. Além disso, diversos outros fatores psicológicos, presentes desde a infância e associados a outros aspectos biossociais, podem ser os desencadeadores da psicopatia.

O psicopata é capaz de cometer crimes e não se sentir culpado ou manifestar qualquer sentimento de remorso. O que o move é a sensação de poder sobre o outro, advinda da manipulação. Segundo os estudos realizados, foi possível compreender que o psicopata não exercita a capacidade de amar ou ter empatia

pelo próximo. Do mesmo modo, busca na perversão, no sofrimento do outro, as formas de se divertir.

A pesquisa apresentou que nem todo psicopata se tornará um criminoso, mas a falta do sentimento de culpa, sempre o colocará como impositor de suas ideias. Sua obstinação em estar por cima das situações, o estimula a correr riscos cada vez mais pontuais, pois há a crença de que nunca será descoberto. A forma como veem os relacionamentos sociais demonstram que os outros sempre serão objetos a serem utilizados na realização de seus intentos.

Quanto à atuação do psicólogo no trabalho com o psicopata, os referenciais teóricos apontaram para o fato de que a psicopatia não tem cura e a psicoterapia pouco contribui para a ressocialização do psicopata criminoso. Quando cometem crimes, os psicopatas não demonstram pena ou arrependimento, mas são capazes de fingir pesar. Isso faz com que o trabalho do psicólogo seja redobrado, pois não há como reconhecer que o psicopata esteja fingindo ou não. Nesse sentido, o trabalho do terapia será voltado para o convencimento de que seu comportamento não é aceitável, apostando na construção de uma percepção de inadequação.

Mediante o estudo e a dificuldade de reinserção social do psicopata, os autores pesquisados reforçam que ele nunca pertencerá, de fato, a um grupo, uma comunidade. Isso não significa que o indivíduo com traços de psicopatia não poderá trabalhar ou mesmo se casar e ter filhos. No entanto, o risco de explosões de raiva, ações cruéis e afetividade limitada são algumas das possibilidades relacionadas à convivência com o psicopata.

Na conclusão da pesquisa proposta, observou-se que no caso da psicopatia, existem formas de prevenção, mediante a observação de determinados comportamentos infantis, pois desde criança o psicopata pode apresentar seus traços de personalidade. Assim, conclui-se que os objetivos do estudo foram alcançados e que em um desdobramento, seja possível analisar os casos midiáticos nos quais a psicopatia tenha sido comprovada.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. M. C. **Psicopatia: mitos e verdades**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.ibmr.br/files/tcc/psicopatia-mitos-e-verdadesangela-m-c-aguiar.pdf>. Acesso em outubro de 2021.



ARRIGO, B.A.; SHIPLEY, S. The confusion over psychopathy (I): historical considerations. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, 45(3), 2001.

ASSUMPÇÃO, E. F. V. D'. **Psicopatia. A Psicologia na Esfera Criminal**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <[http://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/trabalhos\\_conclusao/2semestre2011/trabalhos\\_22011/EduardoFarsetteVieiraDAssumpcao.pdf](http://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/trabalhos_conclusao/2semestre2011/trabalhos_22011/EduardoFarsetteVieiraDAssumpcao.pdf)> Acesso em outubro de 2021.

CLECKLEY, H. **The mask of sanity**: an attempt to reinterpret the so-called psychopathic personality. Oxford: Mosby, 1988.

EÇA, A. J. **Roteiro de psiquiatria forense**. São Paulo: Saraiva, 2010.

GARRIDO, V. **O psicopata**: o camaleão na sociedade atual. São Paulo: Vozes, 2017.

GIRÃO, M. S. Avaliando a psicopatia: estudo preliminar de adaptação das escalas Hare PScan e Psychopathy Checklist Screening Version. 2013. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

HARE, R. D. Sem Consciência: **O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós**. Porto Alegre - RS: Artmed, 2013.

MACEDO, G. C. **A Responsabilidade Penal dos Portadores de Psicopatia**. Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192597/A%20RESP%20PENAL%20DOS%20PORT%20PSICOPATIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em setembro de 2021.

MORANA, H. Transtornos de Personalidade, psicopatia e serial killers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s2/04.pdf>> Acesso em outubro de 2021.

NOGUEIRA, L. M. M. D. **Psicopatia**: mitos e verdades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

OLIVEIRA, A. M. O Psicopata e o direito penal brasileiro. **Âmbito Jurídico**, 2015. Disponível em: < <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/o-psicopata-e-o-direito-penal-brasileiro/>> Acesso em outubro de 2021.

OLIVEIRA, R. **A mente do psicopata**. São Paulo: Vozes, 2017.

PALOMBA, G. A. **Perícia na psiquiatria forense**. São Paulo: Saraiva, 2016.

PINEL, P. **Tratado sobre a alienação mental**. França, s.d.

SABBATINI, R. M. E. **O Cérebro do Psicopata**, 1998. Disponível em: <[http://www.cerebromente.org.br/n07/doencas/index\\_p.html](http://www.cerebromente.org.br/n07/doencas/index_p.html)> Acesso em outubro de 2021.

SERAFIM, A. P.; SAFFI, F. **Psicologia e práticas forenses**. São Paulo: Manole, 2014.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2008.

SILVA, S. J. L. **O bem, o mal e as ciências da mente: do que são constituídos os psicopatas**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2010.